

Coreografando o Corpo-Local: Olhar, Participar, Dançar

**Gabriela Maffazzoni Chultz*

Resumo

O presente artigo compõe um dossiê resultante das reflexões acendidas durante a disciplina teórico-prática Atelier de Composição I, ministrada pela Professora Dra. Claudia Sachs dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (UFRGS). Através de leituras, discussões e experimentos práticos, certos questionamentos foram elaborados e agora estabelecem relações com os objetos de pesquisa de cada aluno. Dos textos sugeridos selecionam-se como base dessa escrita os que referenciam a dança: Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística, de Sylvie Fortin (2010); e Incorporando a teoria e refletindo sobre a prática em dança contemporânea, de Suzane Weber da Silva (2009). Em uma investigação de natureza coreográfica, a qual a pesquisa Coreografando em Larga Escala: Corpo-Social, Corpo-Dançante se propõe, a prática etnográfica será pensada como possível método de uma análise sociológica sobre o corpo, utilizando os conceitos de capital, habitus e campo (BOURDIEU, 1994). Contam como métodos para essa reflexão os procedimentos de leitura dos textos e verificação de anotações feitas a partir das aulas. O resultado conduz um primeiro cruzamento entre os conceitos emprestados da sociologia e a pesquisa de criação coreográfica em dança, na qual a etnografia se insere como ferramenta metodológica para revelar um possível corpo-local.

Palavras-chave: *coreografia - corpo-local - corpo-social - corpo-dançante - etnografia*

Abstract

This article makes up a dossier resulting from reflections sparked during the theoretical and practical discipline Atelier de Composição I, ministered by the Professor Dra. Claudia Sachs within the Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (UFRGS). Through readings, discussions and practical experiments, some questions were developed and now establish relationships with research subjects of each student. Of the suggested texts are selected as the basis of this written that reference the dance: Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística, by Sylvie Fortin (2010); e Incorporando a teoria e refletindo sobre a prática em dança contemporânea, by Suzane Weber da Silva (2009). In an investigation of choreographic nature, which the research Coreografando em Larga Escala: Corpo-Social, Corpo-Dançante proposes, the ethnographical practice can be thought as method of a sociological analysis of the body, using the concepts of capital, habitus and field (Bourdieu, 1994). Count as methods for this reflection procedures like reading the texts and check notes taken from the lessons. The result leads to a first cross between the borrowed concepts from sociology and the research in dance choreography, which the ethnography is part as a methodological tool to reveal a possible sited-body.

Keywords: *choreography - sited-body - social-body - dance-body - ethnography*

Em um panorama contemporâneo definir fronteiras para a prática artística tem se tornado tarefa complexa. As escolhas rizomáticas de ocupação dos espaços de atuação e análise artística vêm comprovar esse fato e sugerir um leque de possibilidades criativas e metodológicas, encorajando procedimentos adaptados às necessidades específicas. Tais escolhas perpassam igualmente a seleção de autores que irão compor o referencial teórico da pesquisa acadêmica em artes, na qual é possível incluir fontes de outras áreas do conhecimento, como a sociologia e a filosofia. Esse fato não deve significar uma fragilidade para a pesquisa, mas a tentativa de um pensamento expandido, um caleidoscópio de ideias para construir um pensar com, estar acompanhado por e construir um diálogo entre.

As reflexões desse artigo estão ancoradas ao processo de minha pesquisa de mestrado intitulada *Coreografando em Larga Escala: Corpo-Social, Corpo-Dançante*¹. Minha proposta prática se resume em colaborar artisticamente com um espaço não convencional de arte, e sim dentro de uma instituição educacional pública, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Porto Alegre, RS), trabalhando com um grupo de estudantes adolescentes. Para o desenvolvimento dessa escrita acrescento minhas reflexões acumuladas durante a disciplina de *Atelier de Composição I*, ministrada pela professora Dra. Claudia Sachs no PPGAC/UFRGS. Em primeira instância versa-se sobre a existência de uma “bricolagem” metodológica dentro do projeto. Tratando-se de uma investigação de natureza coreográfica, a prática etnográfica será pensada como possível metodologia de uma análise sociológica sobre o corpo, utilizando os conceitos de capital, habitus e campo (BOURDIEU, 1994). Dentre as considerações feitas nos próximos parágrafos é possível localizar três eixos fundamentais da pesquisa: a abordagem sociológica sobre o corpo, o uso da ferramenta etnográfica, e a criação coreográfica em dança. A exposição dessas colaborações e de seus saberes operacionais torna-se essencial para compreender a prática artística em discussão.

Bricolagem metodológica

Segundo Sylvie Fortin (2010) a etnografia e a auto-etnografia podem ser consideradas como métodos de pesquisa que inspiram a “bricolagem” metodológica. A autora entende por bricolagem a integração de elementos vindos de horizontes múltiplos, o que se torna pertinente às análises reflexivas sobre a prática. O termo bricolage, de origem francesa e cunhado por Claude Lévi-Strauss, está presente em diversos domínios, como no cotidiano, nos negócios, na antropologia e nas artes. Nesse último vale considerar a articulação de materiais de naturezas interdisciplinares para um uso específico. Esse procedimento pressupõe que o artista pesquisador esteja ativamente forjando maneiras de se aproximar de uma cultura, ou de um fenômeno, adensando e criando a sua metodologia, um olhar próprio sobre a coisa.

A partir dessa consideração é possível sugerir que a etnografia tenha imediatamente um quê de auto-etnográfico, à medida que é constituída a partir da observação pessoal. Ainda que essa prática reúna uma série de técnicas qualitativas para atender a melhor aproximação da realidade observada, existe uma subjetividade intrínseca. Não uma subjetividade romântica, mas a da reflexão analítica e, sobretudo, do aprender com a cultura dada, que leva o sujeito que investiga a fazer associações de categorias já experienciadas, acionando estratégias de ação e conhecimentos adquiridos. Sua “bricolagem pessoal”.

Retomando ao projeto artístico em questão, procuro com a etnografia realizar uma análise participativa ao campo investigado, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, propondo um recorte referente às relações entre corpo e espaço social. O corpo em questão se identifica a um segmento jovem, de estudantes, da classe baixa e média; o espaço a um setor educacional, público, histórico, de tradição na cidade e de resistência política, mas que enfrenta um período de fragilidade, especialmente financeira. Assim, certos questionamentos podem logo demonstrar as especificidades dessa criação coreográfica: Quais os valores do ambiente escolar do Júlio de Castilhos hoje? Como é sua estrutura social? Quais as características desses adolescentes nesse espaço? Que gestos e hábitos compõem identificam esse grande grupo? Como se vestem? Como caminham? Que músicas escutam?

A partir dessas determinações, os procedimentos etnográficos operam a serviço dessas descobertas, aproximando teorias e conceitos como os já mencionados da sociologia do corpo. Suzane Weber da Silva (2009, 2010), artista, pesquisadora e orientadora desse projeto, em suas investigações retratadas em artigos e tese de doutorado compartilha dessa mesma ferramenta. Entende-se que Silva parte de uma observação ao campo da dança contemporânea, ao qual pertence, e propõe questões ancoradas em suas próprias experiências práticas. Tal atitude está presente na tentativa de ler as inscrições e marcas sociais do corpo, no reconhecimento de

¹ A partir desse momento esse trabalho será referenciado somente por *Coreografando em Larga Escala*.

posturas, na maneira de vestir, e nos movimentos realizados pelos bailarinos ao observar uma sala de dança, mapeando certo capital² corporal. Nos relatos de Silva, nota-se que a etnografia a serve como inspiração para coletar informações sobre o campo através de observação, notas, registros e entrevistas semi-estruturadas, uma vez que realiza estudos de caso. Ambas as artistas-criadoras citadas, Fortin e Silva, mantêm seus interesses de estudo na especificidade do campo da dança, e me inspiram aqui de duas formas: enquanto uma se relaciona diretamente com o escopo e conceitos da pesquisa - Silva, a outra faz pensar nas possibilidades de ferramentas de ação - Fortin.

O Corpo em análise: do corpo-social ao corpo-dançante

A noção de corpo-social, corpo-dançante, atribuída ao subtítulo do trabalho, está primeiramente inspirada pelo conjunto de ideias proposto por Silva (2009) especificamente no artigo Incorporando a teoria e refletindo sobre a prática em dança contemporânea. Ao adentrar nas questões de incorporação de valores sociais na dança contemporânea, irão ser requisitados os conceitos de habitus, campo e capital, a partir de Bourdieu (1994), para pensar os corpos e as práticas dançantes em constante processo de transformação e troca com suas realidades sociais. Para tanto, somando ao processo artístico, compartilho aqui esses três conceitos emprestados da sociologia para realizar uma análise sobre o corpo em favor da criação coreográfica.

Bourdieu, a partir da noção de capital econômico, cria outros valores que podem ser tratados como simbólicos e como meios de dominação. Segundo Silva (2009:1) o campo da dança contemporânea se configura como um microcosmo social artístico, e irá absorver certos valores reforçando modelos legítimos (produto do social) ou, em oposição, propondo outros modelos menos reconhecidos. Para exemplificar, assume-se que um dos capitais mais valorizados na dança é o corporal. A análise sociológica de Bourdieu é produtivamente empregada em estudos sobre diversos tipos de sociedade e certas práticas, como a intelectual, a esportiva e a artística, na medida em que o autor se aproximou dessas questões. A transposição dos conceitos sociológicos para o âmbito da dança contemporânea já foi experimentada em certos estudos a fim de alimentar as reflexões críticas que compreendem o corpo e suas relações sociais de poder e pertencimentos. Nesse sentido, têm-se como principais referências os estudos de Silva (2010), Faure (2001), Thomas (2003) e Sorignet (2004).

No presente caso, o emprego dos conceitos de capital, habitus e campo são utilizados para descrever e analisar um espaço social que não pertence às artes, diferenciando-se nesse sentido das abordagens mencionadas. No entanto, o material resultante desse estudo será produtivamente transformado em inscrição coreográfica, através de um período de oficinas de dança urbana abertas aos alunos de uma escola pública em estado de fragilidade. Nesse sentido, reforça-se a ideia de que “uma proposta coreográfica é uma proposta estética, mas é também uma proposta que estabelece relações políticas” (WEBER, 2009:1). Amparada nessas reflexões, Coreografando em Larga Escala se constitui como um estudo que propõe o fazer coreográfico como ato político (FOSTER, 2011). O desafio consiste em delinear os caminhos que nos levam a imaginar o corpo social como corpo dançante, valorizando principalmente movimentos e gestos cotidianos.

Capital – corpo em acumulação

Estimulando uma percepção ampliada sobre o conceito de capital, Bourdieu (1986) torna decisivo para o funcionamento das atividades sociais a compreensão de outros capitais, simbólicos, como o capital cultural e o capital social. A partir deles surgirão outros tantos serão mais ou menos relevantes para a inserção em certos campos. O capital seria a experiência social acumulada por cada agente, indicando posições de hierarquia dentro de um campo. Como observado, na proposta coreográfica o capital evidenciado será o corporal.

Da análise sobre o capital corporal dentro do Colégio são notados os pertencimentos visíveis e valorizados através do corpo. Um corpo que não está no palco, mas apresenta-se, mostra-se todos os dias. Sua performance é a do dia a dia. Ao pensar que assim como o capital financeiro, o cultural e o social acumulam certos bens, exemplificados respectivamente por dinheiro, contatos e títulos acadêmicos, o capital corporal não atua de forma diferente. Imediatamente se questiona quais seriam então seus bens relevantes, já que sua compreen-

² Conceito utilizado por Bourdieu (1985) para se referir a outras formas de valores, simbólicos, e que irão ser mais ou menos relevantes de acordo com o campo, espaço social, em que os sujeitos estão orientados.

são é relativa e, como propõe Silva (2009:4), acumula aspectos específicos que adquirem valor em determinado tempo e espaço.

Se o capital que pretendo valorizar é o corporal, resta compreender como ele se apresenta no campo investigado e principalmente dentro da minha proposta coreográfica com os alunos do Colégio. Nesse caso são verificadas certas potencialidades físicas e incorporação de práticas corporais, sobretudo artísticas, além de dimensões, forma, aparência. Os esforços investigativos centram-se em inventar conexões, por exemplo, entre a forma de andar com o modo de ser, e o modo de ser com o modo de dançar. Aproveita-se assim o conjunto de características acumuladas nos corpos como base de criação dos movimentos dançados, ativados através da prática das danças urbanas, e especialmente do hip hop. A seleção, transformação, e coreografia desse gestual investigado providenciaria uma forma estética e dançante ao corpo social.

Habitus – regras geradoras de práticas distintas

Como regra, a noção de habitus se refere à incorporação de determinada estrutura social (BOURDIEU, 1994). A partir dele os indivíduos estariam predispostos a fazer escolhas. Tão relevante para a investigação seria a elucidação de que o habitus configura-se como um sistema permeável, um produto de uma história que pode guardar relação de mão dupla. No projeto o conceito seria o princípio gerador das práticas distintas e distintas do meio investigado, e irá sugerir como um grupo de pessoas pensa, age e sente em possível consenso geral. O habitus ainda é em grande medida corporal, podendo aqui ser notado através da observação dos alunos em interação dentro do Colégio, conversando, entendendo seus desejos, gostos e preferências, especialmente nos momentos de intervalo, “recreio”, da escola. As regras de convivência, que gerenciam as práticas cotidianas, também são observadas no intuito de entender a relação entre os alunos e questões que ultrapassam os muros da escola.

Compreender o habitus é compreender também a dinâmica de um grupo, e para participar desse jogo, que envolve regras e práticas, considera-se primordial o conhecimento das mesmas. No projeto, tal entendimento funciona como um ticket de entrada simbólico para pertencer ao campo de trabalho. Esse conceito estaria fortemente relacionado ao processo de observação e criação e, principalmente, nas descobertas de estratégias e métodos específicos para atuar no local. Assim como o bailarino desenvolve certo habitus no microcosmo da dança, pensa-se na hipótese de que os alunos do Colégio desenvolvem também o seu, de forma a indicar um possível corpo-local. Esse se traduziria em um somatório de características como faixa etária, país, classe social, momento histórico e político do presente, bem como suas posturas e ideias políticas. Ou seja, esse corpo-local seria socialmente diferenciado e orientado pelos gostos e hábitos decorrentes das experiências incorporadas sobretudo no ambiente do Colégio Júlio de Castilhos, já que muitos alunos relatam o fato do Julinho³ ser um espaço de aprendizado social e político.

Campo - um jogo autônomo

Bourdieu (1983) destaca leis gerais que fazem de um nicho da sociedade um campo. Em primeiro lugar a estrutura de um campo vai apresentar certas propriedades autônomas em relação a seus ocupantes. Logo em seguida duas características são fundamentais: a existência e reconhecimento por partes dos agentes de um ou mais objetos de luta comuns ao espaço; e o conhecimento das leis e regras que envolvem esse jogo – as quais não foram impostas por algum indivíduo, mas pertencem ao campo. Surge aí a evidência de que para existir um campo é necessária a existência de certas desarmonias e hierarquias.

Ao investigar um campo social objetiva-se desenvolver um trabalho em artes sitiado e participativo em relação a essa comunidade. O conceito de campo é valorizado no sentido que se torna um microcosmo da vida social, e progressivamente autônomo através da história. O gestual a ser trabalhado pela coreografia será justamente o gesto cotidiano atravessado pelo contexto histórico-territorial, que se conecta ao campo. Essa noção confere ao projeto duas responsabilidades: analisar as características que fazem do Colégio Júlio de Castilhos um campo, no qual esses alunos de ensino médio participam, e estudar seus valores, regras e interesses específicos e duráveis. Delimito assim um segmento de análise que esclarece, orienta e oferece estratégias à minha proposta artística.

³ Apelido utilizado frequentemente para designar o Colégio Estadual Júlio de Castilhos.

A etnografia como ferramenta de análise

No campo das pesquisas em artes, diferentes metodologias são solicitadas ou até mesmo criadas para satisfazer os objetivos de investigações particulares. Estudos de caso, análise de práticas específicas, intervenções artísticas, entre outros interesses, fazem parte desse panorama. Para tanto, recorre-se com frequência ao uso da etnografia e da auto-etnografia dentro dessas pesquisas. Podemos aproximar esses estudos a uma tendência de arte site-specific, que em linhas gerais identifica criações condicionadas a um tempo e espaço determinado. Em *Coreografando em Larga Escala*, o mapeamento etnográfico será base para uma criação coreográfica com os alunos da escola, mobilizando tanto o pesquisador quanto o outro que será estimulado pela disciplina artística.

Sylvie Fortin (2010) pensa a etnografia como uma ferramenta que pode ser muito proveitosa aos estudos em artes. A pesquisa criativa reúne uma dupla exigência, salienta Fortin (2010:5). Tomando como exemplos os estudos de seus orientandos, é notável que geralmente tem-se de um lado a produção de uma obra artística e de outro a produção textual, no caso a dissertação ou a tese. Na pesquisa qualitativa os materiais empíricos, como os dados de campo, exigem do artista que ele atue de forma criativa sobre essas informações. A autora assim especifica certos procedimentos pertinentes a uma investigação etnográfica e verifico agora possíveis aplicações ao projeto coreográfico em questão.

Seleção de documentos

Também chamado por coleta de dados, esse material será geralmente recolhido do campo da prática. Segundo Fortin (2010:4), podem incluir croquis, gravação em vídeo, notas dispersas etc. Na investigação, o campo da prática localiza-se no Colégio Estadual Júlio de Castilhos e parte por examinar sua estrutura e propriedades identificáveis, com o objetivo de esboçar um panorama político e social do Colégio no ano de 2014. Além dos documentos mencionados por Fortin, incluo a procura por dados históricos através de buscas na biblioteca da escola. Os documentos podem fazer parte de uma etapa inicial da pesquisa e também das etapas de registro, relevantes durante o processo e resultado final.

Na tentativa de identificar traços políticos no gestual desse grupo de adolescentes, o procedimento contribui aqui através da análise de fotografias antigas dos estudantes, em situações pertinentes ao Colégio, e que guardam relação com o presente, e por vezes com outros registros fotográficos realizados pela minha pesquisa no presente, já que conto com esse recurso. Na foto a baixo (Figura I) encontrada no site <http://resistenciaemarquivo.wordpress.com>, uma iniciativa do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), tem-se uma pequena amostra desse processo. O registro apresenta os alunos em um contexto da década de 60 em meio ao regime militar e protestos do movimento estudantil. Não se podiam usar barbas e cabelos muito compridos ou, no caso das meninas, não podiam entrar com minissaia.



Figura I. Fig. Correio do Povo. In: <http://resistenciaemarquivo.wordpress.com/2014/04/25/onde-foi-desembocar-o-cerco-ao-movimento-estudantil/>

Observação participante

Nas pesquisas etnográficas esse método talvez seja o de maior concentração do pesquisador sobre o objeto estudado. Podendo haver diversos critérios de observação, Fortin (2010:4) visualiza dois tipos de observação participante, uma discreta e passiva e outra aproximada e efetivamente participante. Dentro do Colégio a observação ocorre em duas etapas. A primeira de maneira distanciada, privilegiando o uso de diário de campo, e a segunda aproximada, utilizando recursos da fotografia e participando através de conversas com os alunos, informais e também entrevistas semi-estruturadas e capturadas em vídeo. As fotos dos alunos realizadas nesse período de pesquisa atuaram, para além da inspiração coreográfica, como um dispositivo relacional, no qual a foto se transforma em um material de restituição ao campo de trabalho: mantínhamos um tempo de conversa e realizávamos uma foto no final, editada e enviada via facebook por mim.



Figura II Fig. Gabriela Chultz, 2014.

Segundo Fortin (2010:4) os recursos da observação participante fariam parte do que se pode chamar de consignação de dados etnográficos - que englobam notas descritivas e analíticas através de relatório de bordo, crônica de ação e carnê de prática; e também notas metodológicas - através de entrevistas, documentos (foto e vídeo) e a própria observação participante. Sobre essa última, a autora considera como uma tendência no âmbito da dança ao analisar sensações, corporeidade e emoções do pesquisador como fontes legítimas de informações, o que está presente, por exemplo, em meus relatos sobre o processo de investigação.

Entrevistas

As entrevistas podem ser estruturadas de forma objetiva e realizadas tal qual se planejou, ou, de forma semi-estruturada, deixando espaço para que surjam outros questionamentos que não estavam previstos. A segunda forma aproxima-se, por exemplo, das entrevistas realizadas por Silva (2009, 2010) em seus estudos de casos. A entrevista etnográfica ainda apresenta características próprias, empenhada em compreender culturas dadas, diferenciando-se de outras como a dos estudos fenomenológicos (FORTIN, 2010). Opto assim por empregar esse método em dois sentidos: à maneira típica etnográfica, coletando informações sobre o meio investigado e seus agentes, apresentando questões estruturais e de contraste ao entrevistar alunos do Colégio; e a maneira das entrevistas com especialistas, no caso os artistas envolvidos nesse projeto, onde há interesse maior no entrevistado como especialista em determinado objeto de estudo, do que como agente social, pessoal.

Análise dos dados etnográficos

O conjunto de dados obtidos pode servir para formas particulares de análise, como exemplificado através dos diferentes casos presentes no artigo de Fortin. Em Coreografando em Larga Escala, o resultado da análise serve como material relevante para a própria escrita do memorial/dissertação, compondo uma espécie de dossiê sobre os dados analisados. No caso da fotografia, ela pode compor como elemento independente e que apresenta sua própria narrativa, ao invés de estar a serviço de um texto escrito como forma ilustrativa. A análise de dados serve aqui também como contexto para a criação coreográfica, indicando possíveis temáticas, gestos que irão traduzir um corpo local através da dança.

Conclusão

Retomo agora os três tópicos essenciais abordados aqui e que constituem o projeto artístico e acadêmico em questão – Conceito sociológico; Procedimento etnográfico; e Características a serem consideradas na coreografia. Enquanto o principal escopo de pesquisa se encontra na prática de criação coreográfica em dança, os conceitos emprestados da sociologia e a etnografia servem respectivamente como abordagem teórica e metodológica. A dinâmica em que esses pontos irão interagir e os resultados que esse encontro pode gerar tornam criativo o papel do pesquisador, apontando um modo de fazer e pensar a prática coreográfica de forma singular. Nesse sentido, encaminho um fechamento para esse artigo apresentando um esquema sintético (Tabela I) do cruzamento entre os três tópicos que orientam essa prática.

CONCEITO SOCIOLOGICO	PROCEDIMENTO ETNOGRÁFICO	CARACTERÍSTICAS A SEREM CONSIDERADAS NA COREOGRAFIA
Capital (corporal)	<ul style="list-style-type: none"> -Observação distanciada (escrita em diário de campo). -Observação aproximada (fotografia e conversas informais com os alunos). -Entrevistas. -Análise de dados. 	<ul style="list-style-type: none"> -Dimensões, forma e aparência do corpo e seus movimentos cotidianos. -Potencialidades físicas (como a muscular e a amplitude articular). -Incorporação de técnicas/práticas artísticas e/ou esportivas.
<i>Habitus</i>	<ul style="list-style-type: none"> -Observação distanciada (escrita em diário de campo). -Observação aproximada (fotografia e conversas informais com os alunos). 	<ul style="list-style-type: none"> -Os alunos em constante troca com a realidade social. -Regras de convivência.
	<ul style="list-style-type: none"> -Entrevistas. -Análise de dados. 	<ul style="list-style-type: none"> -Faixa etária, país, classe social, momento histórico e político do presente, bem como postura e ideias políticas. -Gostos e hábitos: musical, maneira de vestir e de cortar o cabelo, práticas de lazer, práticas físicas e/ou artísticas e suas maneiras de praticá-las.
Campo	<ul style="list-style-type: none"> -Observação distanciada (escrita em diário de campo). -Observação aproximada (fotografia e conversas informais com os alunos). -Entrevistas. -Análise de dados. -Seleção de documentos (arquivo de fotos, vídeos, reportagens, artigos e outras informações que podem ser encontradas no acervo da biblioteca). 	<ul style="list-style-type: none"> -Local do processo de pesquisa e realização da intervenção coreográfica. -Aspectos da história política e social do campo (o colégio) que ainda são presentes nos dias de hoje. -Possíveis temáticas, contextos, práticas e gestual que remetam a um pensamento político engajado, já que se trata do conceito de campo social.

Visualizo a prática etnográfica como uma alternativa modulável a diferentes enfoques e abordagens de pesquisa. No caso da dança, pode servir como um recurso bastante rico e que testa suas possibilidades de ação. Investir na bricolagem metodológica significa aqui abrir espaços criativos para múltiplas colaborações intelectuais. As análises promovidas pela ferramenta teórica, através dos conceitos, e metodológica, pela etnografia, beneficiam a abordagem artística ao proporcionar um refinamento, um posicionamento crítico sobre o objeto de estudo e a obra, no caso o corpo-local e a construção coreográfica. As relações entre o processo de criação e as ações de escutar, olhar e escrever, relacionadas à etnografia, servem de estímulo para as trocas simbólicas entre teoria e prática, o social e o artístico, gerando novos tópicos através da participação do pesquisador ao campo investigado, atento a suas especificidades.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades do campo. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. P. 89-94.
- BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: Sobre a teoria da ação. Campinas/SP: Papyrus, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education. New York: Greenwood Press, 1985. P. 241-258.
- FAURE, Sylvia. Corps, savoir et pouvoir. Sociologie historique du champ chorégraphique, Lyon : Presses Universitaires de Lyon, 2001.
- FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. Revista Cena, n. 7, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961>>. Consultado em março de 2014.
- SAISON, Maryvonne. Les théâtres du réel. Paris: L'Arès: L'Harmattan, 1998.
- SORIGNET, Pierre-Emmanuel. Être danseuse contemporaine: une carrière corps et âme». Travail, genre et société, n° 12, 2004.
- THOMAS, Helen. The body, dance and culturaltheory. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- SILVA, Suzane Weber da. Incorporando a teoria e refletindo sobre a prática em dança contemporânea. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vreuniao/textos/pesquisadanca/Suzi_Weber___Corpo_social_corpo_dancante.pdf>